

## Entrevista com a professora e pesquisadora Sarug Dagir Ribeiro (UFOP), por *Revista* *Temporalidades*



**Cássio Bruno de Araujo Rocha**

Doutorando em História na  
Universidade Federal de Minas Gerais  
[caraujorocho@gmail.com](mailto:caraujorocho@gmail.com)

**Valdeci da Silva Cunha**

Doutorando em História na  
Universidade Federal de Minas Gerais  
[Valdeci.cunha@gmail.com](mailto:Valdeci.cunha@gmail.com)

A 17ª edição da revista *Temporalidades* conta com o dossiê *Gênero e sexualidade na História*. Esta temática, indo além da história das mulheres, questiona as identidades dadas, recolocando-as em suas dimensões históricas, o que, nas palavras de Joan Scott<sup>1</sup>, possibilita uma visão mais ampla de gênero, analisando-o não somente no sistema de parentesco, mas no mercado de trabalho, na educação, na organização política e nas instituições. Finalmente, a revista *Temporalidades*, com este dossiê, apresenta uma contribuição para a disciplina histórica, mostrando como as questões de gênero e sexualidade, em sua heterogeneidade, envolvem os significados de poder (dominação masculina e masculinidades), a orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade) e a problematização da incontestabilidade da diferença anatômica<sup>2</sup> (SCOTT, 2012), entre vários outros problemas.

---

<sup>1</sup> SCOTT, Joan. "Gender: a useful category of historical analysis.", *The American Historical Review*, 91, 5, (1986), p. 1053-1075.

<sup>2</sup> SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro**

Possui Graduação em Psicologia nas modalidades de Bacharelado, Licenciatura e Psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002), Mestrado em Letras na Área de Concentração de Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Colaboradora do Programa de Educação para a Diversidade, onde atuou como tutora a distância nos cursos de Atualização “Gênero e Diversidade na Escola” (2009), “Educação para a Diversidade e a Cidadania” (2010) e no curso de Especialização de Gestão em Políticas Públicas com ênfase em Gênero e Raça (2011-2012). É colaboradora do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da FALE / UFMG e do grupo de pesquisa Água, Mulheres e Desenvolvimento (AMDE) da UFOP. Tem experiência nas áreas de psicologia, teoria da literatura, filosofia e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação para a diversidade, educação à distância, direitos humanos da população LGBTs, ética, estética, o hermafrodita na antiguidade clássica e na filosofia de Michel Foucault. Atualmente pesquisa sobre lideranças femininas e suas representações em contextos literários.

A revista conta com sua importante contribuição para o dossiê e lhe propõe a seguinte entrevista.

**Revista Temporalidades:** Gostaríamos que a você contasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica: como se deu seu interesse pela psicologia e, posteriormente, pela literatura e pela teoria da literatura? Você tem desenvolvido alguma pesquisa, atualmente, nesses campos ou em diálogos entre eles?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** Sobre a minha trajetória acadêmica: sou formada em Psicologia pela UFMG nas modalidades de Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo, concluído em 2002. Sou Mestre em Letras, Teoria da Literatura pelo Pós-Lit UFMG, concluído em 2006.

Meu interesse pela Psicologia foi despertado desde quando eu cursava o Segundo Grau na cidade de São João Del Rey-MG entre os anos de 1993 a 1995 no Centro Educacional Presidente Tancredo Neves – CETAN (atualmente extinto), que funcionava em regime de internato misto (tanto para moças quanto para rapazes), sob a direção religiosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que diplomava Técnicos em Agropecuária. Naquela oportunidade, tive excepcionais professores e uma formação sólida tanto nos conhecimentos técnico-científicos, quanto nos preciosos preceitos religiosos. Durante essa formação, houve uma oportunidade de visita monitorada ao *Campus* Dom Bosco da Universidade Federal de São João Del Rey, onde funcionava, e acredito que ainda funcione,

o Curso de Psicologia daquela Instituição de ensino superior. Nessa ocasião, pude conhecer diversos laboratórios de psicologia experimental e aprendi um pouco sobre o que um Psicólogo faz no seu cotidiano profissional. Fiquei maravilhada também com a imensidão de livros da biblioteca universitária.

Outro fato que talvez foi decisivo na minha escolha pelo Curso de Psicologia, na ocasião do exame Vestibular do ano de 1997 na UFMG, fora o fato da minha trajetória clínica de analisanda. Minha análise pessoal com uma psicanalista iniciou-se quando eu tinha apenas 14 anos de idade em Salvador –BA, cidade onde eu morava com minha família. Depois, com minha mudança de cidade e Estado, continuei minha análise pessoal em São João Del Rey-MG. E finalmente prossigo em Belo Horizonte-MG, onde tive a mesma psicanalista desde o primeiro semestre do Curso de Psicologia (1997) até o final do curso de Mestrado (2006). É válido deixar registrado meu reconhecimento à Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) em toda minha trajetória acadêmica na UFMG. Essa trajetória clínica de análise pessoal, sem dúvida, foi decisiva na minha escolha pelo Curso de Psicologia, como também em todas as minhas escolhas na vida, sendo uma das mais importantes, a minha "transexualização". Pois, a análise, dentre muitas coisas, possibilitou-me conhecer melhor a mim mesmo, desenvolver amor próprio, e construir e destino diferente e mais feliz aos meus medos e desejos. Hoje posso dizer que sou uma pessoa melhor, mais feliz e satisfeita comigo mesmo. E essa base sólida de anos de análise pessoal possibilitou-me passar pelo processo "transexualizador" de maneira menos turbulenta e conflitante.

A psicanálise sempre me fascinou, eu já lia Freud e Jung antes de ingressar no Curso de Psicologia da UFMG. Lembro que, com apenas 15 anos de idade, eu comprei um livro intitulado *Estudos sobre Psicologia Analítica de C. G. Jung* (Obras completas de C. G. Jung, volume VII), em que, através desse manuscrito, pude conhecer o tema do Eu e do Inconsciente.

Já meu interesse pela literatura surgiu desde a infância, minha família, sempre disponibilizou acesso a livros e literatura em geral desde muito cedo. Sempre gostei de ler. Lembro que na disciplina de Literatura durante o Segundo Grau eu procurava ler todos os livros indicados. Guardo felizes lembranças de Eça de Queiroz (*Eurico, o presbítero*), Graciliano Ramos, José de Alencar (*O guarani, Iracema*, etc.).

Outro fator que talvez também tenha influenciado meu interesse pela literatura tenha sido o fato de que, durante o curso de Graduação de Psicologia, eu procurei sempre me matricular em disciplinas na modalidade de eletivas no curso de Letras, Filosofia e Medicina. Na Faculdade de Letras da UFMG, cursei disciplinas de Língua Alemã (I, II, III, IV, V, VI, Fonética da Língua alemã), na

época possibilitou-me começar a ler Freud em alemão. Cursei também língua grega (I, II, III, IV, Tópicos Especiais), o que me ajudou numa maior compreensão dos textos clássicos como a *Teogonia* de Hesíodo, *Odisséia* de Homero, Platão, Teofrasto, dentre outros. Essa base de língua e cultura grega foi fundamental ao desenvolvimento do meu trabalho de Mestrado em torno do Hermafrodita, pois a visão sobre o *hermafrotia* na antiguidade clássica possibilitou minha leitura mais aprofundada do texto de Herculine Barbin (indivíduo de condição hermafrodita que viveu no século XIX).

Atualmente desenvolvo estudos e pesquisas que estão sendo apresentadas em congressos e simpósios na área em torno da escritora e psicanalista francesa Marie Bonaparte.

**Revista Temporalidades:** Como foi o processo de delimitação teórica da pesquisa de mestrado? Você poderia fazer uma apresentação sobre ela? Como avalia o impacto do pensamento de Michel Foucault sobre a sexualidade em sua pesquisa?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** O processo de delimitação teórica da minha pesquisa de Mestrado, intitulada *Grandeza e decadência de uma escrita de si: reflexões em torno da autobiografia* (2006), foi centrada sobre o livro *Herculine Barbin, o diário de um hermafrodita*, cujas memórias foram editadas e prefaciadas pelo filósofo francês Michel Foucault. Então, minha Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura trata da autobiografia de Abel / Adelaide Herculine Barbin (1838-1868), indivíduo de sexo indefinido que, até os 20 anos de idade, viveu como mulher, exercendo o cargo de professora num Colégio para moças no interior da França, e que, por volta dos 21 anos de idade, por decisão do Tribunal Civil de Saint-Jean d'Angély, é obrigada a trocar de identidade civil, sendo a partir de então considerado um homem. Contudo, não se adapta às exigências de sua nova identidade, o que o leva a se suicidar aos trinta anos de idade em Paris. O trabalho consistiu em seguir a trilha do texto de Barbin, classificando-o como um texto autobiográfico, em que detectei representações literárias e míticas em torno da figura do hermafrodita. O empreendimento foi estabelecer um diálogo entre teorias e o texto literário (manuscrito de Barbin). O estudo foi dividido em cinco capítulos, sendo que: o primeiro refere-se ao preâmbulo geral da pesquisa, clarificação do método de trabalho e escolha do instrumental teórico, e a súmula do caso: Abel / Adelaide Herculine Barbin.; no segundo capítulo, me ative ao conceito e o *status* literário da autobiografia, e sua relação com a vida em geral; o terceiro capítulo foi sobre as características específicas da autobiografia de Barbin, a maneira como ele ou ela se ficcionaliza no texto, tornando-se mito de si mesma e sua relação com o mito do hermafrodita e do andrógino; o

quarto capítulo foi sobre a relação entre a escrita e o afeto e as peculiaridades do manuscrito de Barbin, sua dor de existir que culmina com o suicídio; o quinto e último capítulo foi sobre o exílio e morte social de Barbin, e realizo um réquiem fazendo uma apologia da sua autobiografia.

O impacto do pensamento de Michel Foucault sobre a sexualidade na minha pesquisa foi de enorme valia. Sem dúvida, ele foi uma das principais referências teóricas da minha Dissertação. Sabemos que Foucault continuaria escrevendo a série *História da sexualidade* dedicando um volume sobre os indivíduos intersexuais e ou hermafroditas. Contudo, a doença tirou-lhe a palavra. Michel Foucault escolhe a história de Herculine Barbin, por vários motivos, sendo os principais deles a época em que Barbin viveu, ou seja, o século XIX, época onde houve um enorme interesse da nossa sociedade sobre o verdadeiro sexo das pessoas. Ocorreu um verdadeiro caças as bruxas em torno dos indivíduos intersexuais ou hermafroditas. Nessa época, a medicina, a religião e o judiciário se unem em prol da sexualidade sadia e normal. Bom, recomendo a todos a leitura do texto.

**Revista Temporalidades:** Você poderia explicitar os usos políticos do termo *hermafroditos* em sua dissertação? Por quê esta escolha? Como foi o diálogo com a bibliografia específica sobre o tema? Há um contato ou diálogo com o movimento político contemporâneo das pessoas intersexuais?

**Profa. Ms. Sarug Dagir:** Durante o processo de desenvolvimento da minha Dissertação, tive a feliz oportunidade de ser orientada pela professora Dra. Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, professora de língua e literatura grega. Assim, a minha formação em cultura clássica e língua grega coadunou-se com o perfil da minha orientadora. Desta maneira, escolhi o termo *hermafroditos* por que eu quis manter o sentido originário da palavra, cuja raiz é grega.

Na minha pesquisa de Mestrado, utilizei a versão mais famosa do mito do hermafrodita dos estudos clássico, aquela de Ovídio no livro das *Metamorfoses*, que em linhas gerais conta sobre o passeio de um belo jovem que saiu pelo mundo e num certo dia encontra um lago de águas muito atraentes. Então, resolve parar e se banhar nas águas. Nesse lago, vivia uma ninfa, chamada Salmácida, que, vendo o rapaz, tenta seduzi-lo. Eles entram em combate, num tipo de luta corporal. Percebendo que não ia conseguir conquistar o jovem, a ninfa resolve clamar aos deuses que a una ao belo rapaz. Sendo assim, os deuses resolvem atender seu pedido. Desta maneira, surge o *hermafroditos*.

Sabemos que a iconografia mais famosa do hermafroditos é caracterizada por um ser feminino, com traços finos e delicados, mas apresenta um pênis ereto entre as pernas. Ou seja, há a primazia do princípio masculino. Na sua linhagem, ele é irmão de Príapo e Eros. Seu pai seria Hermes e sua mãe Afrodite. Portanto, mantendo a palavra *hermafroditos* na minha dissertação eu quis apontar para esse sentido originário do termo e do mito. Apesar da minha Dissertação não dialogar diretamente com o movimento político contemporâneo das pessoas intersexuais, acredito que há uma potência política do termo *hermafroditos*.

**Revista Temporalidades:** Qual a importância, a seu ver, de se tematizar, em uma pesquisa acadêmica, textos referentes a sujeitos que excedem de alguma forma a categoria cultural do humano, que estão, nos dizeres de Foucault, em um limbo de uma não identidade sexual?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** Considero relevante e importante tematizar em uma pesquisa acadêmica textos referentes a sujeitos que excedem de alguma forma a categoria cultural do humano ou apontam em suas vidas para uma confusão de fronteiras, no caso, de sexo e ou gênero, pois, com isso, justamente se restitui a humanidade para essas pessoas.

Judith Butler, em um determinado ponto de suas reflexões, coloca que os indivíduos intersexuais, *hermafroditas*, travestis, transexuais, dentre outros, são considerados por alguns como pertencentes à categoria do inumano ou do não humano. E isso é forte fonte, por parte da sociedade, de preconceito, discriminação, violência, etc. Na minha opinião, a importância de se tematizar, em pesquisa acadêmica, seja a vida e ou a obra desses sujeitos é de fundamental importância na construção de um mundo com menos preconceito e violência.

**Revista Temporalidades:** Como a questão de gênero dialoga com sua pesquisa? Qual o significado possível do gênero em um ambiente cultural marcado pelo pós-gênero do *ciborgue*?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** Sobre a maneira como a questão de gênero dialoga com minha pesquisa, no caso, minha Dissertação de Mestrado, posso dizer que a temática de gênero perpassa toda a pesquisa, pois, afinal, trato da experiência de vida de um indivíduo de condição hermafrodita

ou intersexual. Contudo, não utilizo no meu referencial teórico trabalhos de autoras do movimento feminista contemporâneo consideradas de grande importância e fundamentais na discussão de gênero nos dias atuais, como Judith Butler, Donna Haraway, Gayle Rubin, dentre outras. Pois, naquela ocasião, procurei dar rentabilidade teórica ao texto de Barbin, utilizando uma perspectiva literário-filosófica baseadas nos conceitos de escrita de si (Michel Foucault desenvolve esse conceito no livro *O que é um autor*), escritura (Roland Barthes desenvolve esse conceito no livro *Novos ensaios críticos e o grau zero da escritura*), autobiografia (Mikhail Bakhtin, desenvolve esse conceito no livro *Estética da criação verbal*) e o mito (utilizo um amplo referencial), dentre outras fontes bibliográficas.

Minha opinião sobre o significado possível do conceito de gênero em um ambiente cultural marcado pelo pós-gênero do *ciborgue*, seria como algo muito complexo e desafiador. Pois vivemos em um mundo com muitas realidades sociais e contradições, onde estão presentes posições e ideologias muito diferentes e contraditórias. Encontramos relações ainda marcadas pelo patriarcado, pelo machismo, pela dominação do homem sobre a mulher, etc, por outro lado, encontramos situações de maior equidade de gênero, situações menos marcadas pela heteronormatividade como as novas configurações familiares com famílias homoafetivas e ou homoparentais. Se, por um lado, temos um maior número de mulheres no ensino superior, por outro, ainda encontramos desigualdades salariais entre homens e mulheres exercendo a mesma função ou a divisão entre profissões tidas como femininas e outras masculinas. O que na realidade é uma tolice, pois as mulheres podem exercer todas as profissões, e estendo isso as transexuais, travestis e intersexuais.

Gosto muito de um pequeno mas denso livro de Tomaz Tadeu da Silva e Donna Haraway intitulado *Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano* (2000), em que há uma passagem que reproduzo aqui, que ao meu ver é fantástico, vejamos:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. (...) O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida, a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados, esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma profilaxia contra o heterossexismo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue” Um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz. (Org.). *Antropologia do Ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Trad. Tomás Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 36.

É extremamente salutar esse tipo de pesquisa e percepção do mundo, contudo, acredito que o conceito de gênero ainda é útil e utilizável, seja no dia a dia das pessoas, seja nas relações cotidianas ou na implementação de políticas públicas.

**Revista Temporalidades:** Gostaríamos que a você falasse um pouco sobre a sua atividade docente e como os temas da diversidade sexual ou dos Direitos Humanos e Cidadania LGBTT aparecem nas salas de aula. Seria possível afirmar que essa discussão no Brasil tem sofrido alguns retrocessos? Ou temos conseguido avançar em alguns pontos (como o casamento entre pessoas do mesmo sexo)?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** Os temas da Mulher, do Movimento Feminista, do Movimento LGBT estão presentes no material pedagógico do Curso de Especialização em Gestão em Políticas Públicas com ênfase em Gênero e Relações Etnorraciais, oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto e pela Universidade Aberta do Brasil, onde atuo como professora do Módulo de Gênero. Dado minha formação acadêmica, sempre procuro aprofundar o material e trazer algo novo. Minhas atividades como professora consistem em desenvolver aulas e material pedagógico dentro da temática de gênero, abordando diversas perspectivas.

Atualmente, no Brasil, há retrocessos e avanços. Sobre os avanços podemos apontar a questão de haver uma maior aceitação da homoafetividade por parte de programas de televisão, jornais, filmes, telenovelas, etc. Hoje a possibilidade de união civil entre pessoas do mesmo sexo já é uma realidade em nosso país. Não podemos esquecer das diversas iniciativas do Governo Federal na fomentação de cursos de formação de professores e outros profissionais em torno da temática de gênero e da diversidade sexual. Hoje, podemos contar também com as políticas públicas de combate a violência contra a mulher, principalmente depois da criação das Delegacias Especializadas em Crimes a Mulher, as chamadas DEAM, nesse caminho houve a implementação da Lei Maria da Penha e do feminicídio, dispositivos legais que punem os agressores e protegem as mulheres vítimas de violência. Mais recentemente, na cidade do Rio de Janeiro, houve a aprovação da Lei Angelina Joli que atende as mulheres com histórico de câncer de mama na família, possibilitando-as a fazer o mapeamento genético visando a prevenção e tratamento da doença. Temos hoje também as Leis de adoção do nome social por parte de travestis e transexuais em várias instituições de ensino e instituições públicas no nosso país. Outro acontecimento importante foi, em 2009, a Presidência da República, através da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, com apoio do Programa das Nações

Unidas para o Desenvolvimento, lançar o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT.

Sobre os retrocessos podemos lembrar das desigualdades salariais entre homens e mulheres que exercem a mesma função e ou possuem a mesma formação técnica. O alto índice de violência contra a mulher. O baixo índice de alfabetização e ou escolarização da população do(a)s transgêneros (travestis e transexuais) e também da dificuldade dessa população de inserção no mercado de trabalho formal. Encontramos discriminação por orientação sexual, cor da pele, por possuir alguma deficiência, por possuir alguma crença religiosa, etc.

**Revista Temporalidades:** Em 2010, a você participou do filme longa-metragem *O céu sob os ombros*, sob a direção do Sérgio Borges. Gostaríamos que você nos contasse um pouco como foi essa experiência, como se deu o processo de filmagem, desenvolvimento do personagem e como tem sido a recepção por parte da crítica. Você tem vontade de participar de outro trabalho dessa natureza?

**Profa. Sarug Dagir Ribeiro:** Sobre o filme *O céu sobre os ombros* (2010, 72 min, Ficção), de direção de Sérgio Borges, na qual participei como atriz com a personagem Everlyn Barbin, trata-se de uma narrativa que acompanha alguns dias na vida de três pessoas: Everlyn é uma transexual que fez mestrado sobre o diário de um hermafrodita do século XIX e vive entre a prostituição e os cursos de sexualidade que ministra como professora. Murari Krishna é um devoto da religião Hare Krishna e líder da torcida organizada do Atlético Mineiro. Lwei Bakongo é africano descendente de portugueses, escreve vários livros ao mesmo tempo, sem nunca ter concluído nenhum deles e nunca trabalhou. A história retrata essas três pessoas anônimas, comuns. Histórias inventadas pela vida, de pessoas que vivem entre o cotidiano, o exótico e a marginalidade.

O respectivo filme ganhou no 43º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (2010) os Troféus Candangos de Melhor Filme, Direção, Montagem, Roteiro, Prêmio Especial do Júri (para o elenco) e o Prêmio Saruê conferido pela equipe de Cultura do Correio Braziliense e Diários Associados (para o elenco). Desde o ano de 1996, o prêmio destaca o melhor momento do Festival de Brasília, naquele ano o artista plástico Francisco Galeno buscou na Praça dos Três Poderes a referência para conceber a escultura do 15º Saruê. No 29º Festival Cinematográfico do Uruguai ganhou o prêmio de Melhor Filme. Participou na Holanda do *Tiger Awards Competition* (entre os filmes selecionados da Mostra Competitiva). A partir de então *O céu sobre os ombros* foi exibido em vários países como França, Grécia,

Rússia, Portugal, dentre outros. Atualmente a Rede Brasil de canal aberto de televisão possui os direitos sobre a exibição do filme. E também pode ser encontrado em algumas lojas locadoras de filmes por todo o Brasil.

No ano de 2010 a premiação do filme foi noticiada nos principais Jornais do país, como Correio Braziliense (29/11/2010), Hoje Em Dia (23/11/2010), O Tempo (23/11/2010), Estado de Minas (01/12/2010), Estado de São Paulo (29/11/2010), Folha de São Paulo (02/12/2010), O Globo (02/12/2010). Também em noticiário internacional, por exemplo, na *Variety* Américas (02/12/2010) O filme saiu na lista dos vencedores dos principais prêmios de cultura em 2010, fato que pode ser conferido na Revista Almanaque Abril 2011 Ano 37, p. 39.

O filme teve uma enorme recepção positiva por parte da crítica de cinema do Brasil, por exemplo, Luiz Zanin, disse no Jornal O Estado de São Paulo: *“Inventivo, ousado e profundo... Mais incrível que a ficção”*. A recepção por parte da crítica foi enorme, bem como por parte de pesquisadores acadêmicas na área de Comunicação Social e Cinema. Por exemplo, há a Tese de Doutorado em Comunicação Social intitulada *Três encenações da vida comum no cinema brasileiro contemporâneo* de Fernanda Ribeiro de Salvo, que encontra-se no banco de teses da CAPES, e há também uma publicação num e-Book do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG que trata do filme. Mas com certeza deve haver mais material teórico-crítico sobre o filme.

Sugiro a visita ao site [www.oceusobreosombros.com](http://www.oceusobreosombros.com), onde podemos encontrar vídeos, textos, premiação, e materiais inéditos.

Sobre o processo de filmagem e a experiência digo que foi intensa. Foi um filme realizado com poucos recursos financeiros, com o apoio das Leis Municipais e Nacionais de incentivo a cultura e outros colaboradores. Antes de se chegar ao elenco, houve uma pesquisa de procura por personagens através da metodologia *bola de neve* e entrevistas, que implica nas pessoas serem indicadas aleatoriamente ao passo que as entrevistas ocorrem. A preocupação foi que essas pessoas se encaixassem no perfil que o diretor queria, ou seja, pessoas comuns, atores não profissionais que tivessem uma história de vida exótica ou que tivesse algo particular, ou seja, que chamasse atenção em suas vidas. Assim, num universo de aproximadamente 1000 pessoas entrevistadas, somente três foram selecionadas. Acredito que um dos elementos de sucesso do filme foi à relação do diretor com o elenco, relação que se baseou em respeito, empatia, simpatia e carinho. O diretor soube ouvir a histórias de vida das pessoas escolhidas como personagens com muito amor e procurou participar dos seus cotidianos e hábitos de vida, estando totalmente desprovido de preconceitos ou juízo de valor. O roteiro se baseou tanto na história de vida das pessoas selecionadas como personagens do

filme, como também nos elementos de ficcionalização que os roteiristas criaram. O processo de montagem também foi importante, pois muitas horas foram gravadas, sendo apenas selecionados 72 minutos para o filme.

Sobre a vontade de participar de outro trabalho dessa natureza, eu digo que hoje estou uma pessoa mais criteriosa com as propostas de trabalho que me chegam. Na época da filmagem do filme *O céu sobre os ombros*, toda a equipe técnica e o elenco estávamos envolvidos no projeto do filme de maneira despretensiosa. Não sabíamos do sucesso e não estávamos esperando por ele. Acredito que foi o resultado de um trabalho realizado com muito amor que possibilitou a enorme glória e valor do filme.

**Revista Temporalidades:** Ainda sobre o filme, há algumas cenas em que a sua personagem traz para a tela situações bastantes íntimas em uma mescla de elementos que nos sugerem ser tanto da sua vida/história pessoal como de um trabalho de ficcionalização. Como se deu esse processo? Você ficou satisfeita com o resultado quando o filme estava finalizado?

**Profa. Ms. Sarug Dagir Ribeiro:** Sobre as situações íntimas em uma mescla de elementos que sugerem ser tanto de sua vida ou história pessoal como de um trabalho de ficcionalização, como se deu esse processo. Fiquei satisfeita com o resultado. De alguma maneira, minha trajetória pela psicologia e pela literatura foi importante para esse trabalho.

Sem dúvida, o diretor Sérgio Borges acertadamente privilegiou a renovação no modo de se fazer cinema no Brasil, pela ousadia da entrega sem reservas à proposta de um filme que implode os limites entre ficção e documentário e se aproxima intimamente dos personagens. Essas características dão ao filme profundidade e magia. O filme quebra o paradigma da separação entre ficção e documentário, o que ocorre é justamente a mescla ou mixagem entre ficção e documentário. E esse modo de ser se apresenta de maneira única no filme. Só mesmo uma verdadeira obra de arte pode ela por ela mesma engendrar sua própria posteridade. Desta maneira, eu não posso revelar na minha personagem onde exatamente termina a realidade e onde começa a ficção e vice e versa, pois, isso tiraria o brilho da arte ou o encanto do filme.

Sem dúvida fiquei muito satisfeita com o resultado do filme. E acredito que a profundidade única de minha personagem só foi possível dada minha trajetória pela Psicologia e pela Literatura.

Agradeço a todos pela oportunidade de falar um pouco sobre mim, cordialmente Sarug.